

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

CERTIDÃO DE ÓBITO

Nome

MARIA LUIZA DA CRUZ CAÇADOR

Matrícula

079921 01 55 2011 4 00142 028 0045763 37

Sexo Feminino	Cor -----	Estado civil e idade Casada 73 anos **
Naturalidade Bandeirantes-PR **	Documento de identificação 1008764 SSP/PR **	Eletor Sim
Filiação e residência JOSÉ DA CRUZ DIAS e GELINDA LORDANI DA CRUZ, residente e domiciliada rua Clovis Fonseca nº 71, centro, em Apucarana-PR **		
Data e hora do falecimento Cinco de março de dois mil e onze, às 04h 45min **		Dia 05
		Mês 03
		Ano 2011
Local do falecimento Hospital do Câncer de Maringá, em Maringá-PR **		
Causas Insuficiência Respiratória (f), neoplasia de pulmão avançado **		
Sepultamento - Cremação (Município e cemitério, se conhecido) Cemitério Municipal de Apucarana-Pr **		Declarante WANDERLEI DA COSTA CAÇADOR **
Nome e número de documento do médico que atestou o óbito Alessandro Chicareli, CRM nº 20410 **		
Observações - Avenções Pelo declarante foi-me dito, que a falecida não deixou bens a inventariar e nem testamento, e que a mesma era eleitora. Deixou o esposo SEBASTIÃO DA COSTA CAÇADOR SOBRINHO e 03 (três) filhos maiores de idade, Wanderlei da Costa Caçador, Walangieri da Costa Caçador, Cynthia da Costa Caçador. Apresentado a Declaração de Óbito do Ministério da Saúde nº 013825256-4, CPF/MF nº 455.970.659-04, Certidão de Casamento Nº 13, Folhas 13, Livro B-01, lavrada no CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DE IVAIPORÃ-PR. Custas: R\$24,67 (VRC 175,00), Selo Funarpen: R\$1,34 **		
Assinatura Oficial 1º Registro Civil das Pessoas Naturais e 5ª Tabelionato de Notas Cintia Maria Scheid Maringá-PR Município e Comarca de Maringá - Estado do Paraná Rua Padre Germano Mayer, nº 565 CEP - 87 010-280 - Fone: (41)3304-7166		

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.

Maringá-PR, 10 de março de 2011.

Silvia Antunes Brandão
Escrevente Juramentada

BIOGRAFIA MARIA LUIZA CAÇADOR



- 1937 (20 de julho) nasceu em Bandeirantes/PR filha de José da Cruz Dias e Gelinda Lordani Cruz, filha mais velha, tendo cinco irmãos. Seu primeiro emprego foi aos 11 anos como auxiliar de operador de telégrafos na estação ferroviária de Bandeirantes.
- 1951 Mudou-se com a família, com 13 anos de idade para São João do Ivaí, na época um distrito chamado de Ocalina.
- 1954 (17 de novembro) Casou-se com Sebastião da Costa Caçador, que tinha uma pequena farmácia em São João do Ivaí. Aprendeu a profissão de farmacêutica prática e fazia atendimentos na zona rural, inclusive de parteira. Ao que se sabe fez centenas de partos. Fez concurso de farmacêutico prático em Curitiba e foi aprovada, mas nunca chegou a usar, pois em seguida mudaram.

1955	Nasce Wanderlei, seu primeiro filho.
1960	Nasce Walangiery, o segundo filho.
1962	Vendem a farmácia e mudaram-se para Bandeirantes para dar estudo aos filhos. Com o dinheiro da venda da farmácia adquiriram algumas terras em São João do Ivai e o Sr Sebastião virou pecuarista, indo quinzenalmente para cuidar da fazenda. Maria Luiza voltou a estudar, para terminar o segundo grau.
1964	Mudam-se para Mandaguari. Maria Luiza da continuidade aos estudos.
1965	Mudam-se para Apucarana, onde imediatamente Maria Luiza retomou os estudos no Colégio Nossa Senhora da Glória no curso de normalista e a trabalhar como professora em Marilândia do Sul. Formou-se como normalista, prestou concurso e passou a lecionar em Apucarana no Colégio Santos Dumont, no período noturno, para adultos (projeto Minerva).
1969	Iniciou a faculdade de Letras no período da manhã e dava aulas no período da tarde e noturno.
1970	nasce Cynthia seu terceiro filho (raspa do tacho como ela dizia).
1970	Na década de 1970 lecionou no Colégio Braga Cortes e também no Colégio Estadual Isidoro Cerávolo, onde trabalhou como auxiliar da professora Nasmim Cerávolo.
1983	Nasce sua primeira neta, Michelle, filha do Wanderlei.
1991	Cynthia casou-se e mudou para o México.
1992	Nasce Gabriel, filho da Cynthia.
1994	Aposentou-se e então começou a dedicar-se a sua casa, cursinho e para causas sociais: • Pastoral do menor • Lions Club • Menor infrator • Casa de apoio • • Fazia artesanato em gesso, pintura de telas, cartões ecológicos, pintura em cerâmica, restauração de bonecas, jardinagem, joaninhas (sua marca registrada) e muitos outros.
1997	Nasce Nicole, filha da Cynthia.
1998	Nasce Luiz Gustavo, filho do Walangiery.
2010	(natal) em Manaus visitando sobrinho, começa a ficar indisposta e sente de dor nas costas
2011	(05 de março) Falece em Maringá no Hospital do Câncer

RELATOS SOBRE A VÓ MARIA LUIZA

Por Wanderlei (filho)

Trajetória da sua vida:

Maria Luiza da Cruz nasceu em Bandeirantes em 20 de julho de 1937, filha de José da Cruz Dias e Gelinda Lordani. A situação financeira da família era pouca e a “Filinha”, como era chamada carinhosamente Maria Luiza, aprendeu com seus pais e avós a ter responsabilidade desde cedo.

Moravam no sítio e a vida era muito difícil, onde tudo era feito com muita dificuldade e economia. Dona Gelinda era uma mulher muito batalhadora e passou a vida toda dedicada aos filhos e ao trabalho. Com 9 anos Maria Luiza já tinha que trabalhar parte do dia de telegrafista na estação de ferroviária e depois que retornava para casa, tinha que ajudar com os serviços domésticos e a cuidar dos cinco irmãos mais novos.

Mesmo com todas as dificuldades, ela considerava que sua infância fora muito boa, pois viveu intensamente, fazendo muitas travessuras, sem deixar de cumprir as suas responsabilidades.

Quando criança ela era muito “levada” e inquieta. Os seus irmãos diziam que ela consumia 3 a 4 sapatos, enquanto eles apenas um. Vivia machucada e ralada, de tanta “arte” que fazia. Contam que quando tinha uns 10 a 11 anos, que o cavalo que estava andando correu com ela e a prensou na parede de uma igrejinha próxima de sua casa. Em outra vez, andando de carroça, o cavalo assustou e disparou e ela caiu embaixo da carroça, ficando pendurada pelo vestido e só parou quando chegou em frente da sua casa.

Outra história que ela gostava de contar é que quando eram crianças, ela e uma amiga, ficavam pulando de uma árvore para quebrar o braço ou a perna, para engessar e não precisarem ir a escola e ainda ganhar maça.

Com 10 a 11 anos, ela pedia caixinhas vazias de remédio em uma farmácia onde trabalhava o auxiliar de farmacêutico Sebastião Caçador, sem saber o que o destino estava reservando no futuro.

Outro dia aos 12 anos, ela estava fazendo o almoço e se distraiu, deixando queimar o arroz, que ela deu um jeito de sumir embaixo da casa. Só que o arroz atraiu toda a galinhada do quintal e ela teve muito trabalho para disfarçar.

Em 1951, com 13 anos, seus pais se mudaram para o interior do Paraná, em um lugar que chamavam de Ocalina, onde é hoje São João do Ivaí. Naquela época, seu pai trabalhava na Companhia Barbosa Ferraz, abrindo terras, espantando os “jagunços” e

trazendo famílias para morar naquelas terras. Quando chegaram na beira do rio Ivaí, a pequena mudança que tinham levado havia se desfeito pelo caminho e o único meio de atravessar o rio era de "bote". Acabaram ficando uns 2 dias acampados por ali, quando a Maria Luiza e um cachorro seguiram uma trilha por mais de oito quilômetros, até chegar ao pequeno povoado, que tinha uma meia dúzia de ranchos de palmito. Seu pai saiu desesperado procurando por ela, pois haviam animais perigosos como onça pintada, cobras, etc. Quando seu pai a encontrou, levou uma surra, que demorou para esquecer.

Quando chegaram ao patrimônio de Ocalina, fizeram uma pequena casa de palmito, coberta com palha, que até dava para ver os animais circundando a noite.

Ela contava que seu pai, trabalhando pela companhia, foi um desbravador, criando e dando nomes a muitas das cidades daquela região. Com a chegada do progresso, aumentou a chegada de colonos e começou a melhorar a vida financeira da família. Seu pai se tornou muito conhecido e mais tarde foi eleito o primeiro vice-prefeito de Ivaiporã.

Aos poucos a mata foi derrubada e começaram a vir os novos colonos, que foi dando lugar a um pequeno distrito, que passou a chamar São João do Ivaí.

Sua avó Jovita, que era professora, também foi com eles e montou uma pequena escola primária, que era a única da região. Os alunos de diversas idades freqüentavam a mesma sala e eram separados +/- pelo aproveitamento. Foi tudo que a Maria Luiza conseguiu estudar na época.

Um belo dia apareceu um forasteiro, com uma malinha de remédios, que já era conhecido de Maria Luiza quando moravam em Bandeirantes. Ele montou uma pequena farmácia, também feita de coqueiro e começou o seu negócio. A farmácia estava localizada em frente a casa da Maria Luiza, que aos poucos começou a dar folga de almoço para o Sebastião, que comia em uma pensão ali próximo. Sem dinheiro, mas com boa conversa, o farmacêutico vivia falando que os remédios estavam a caminho, mas na verdade estava ganhando tempo, para fazer um caixa para repor o estoque. Naquela época, o médico mais próximo era de Ivaiporã e Apucarana e o farmacêutico tinha que desempenhar o papel de médico, enfermeiro e fazia tudo que fosse preciso, até o atendimento de doentes terminais.

Morando em frente à farmácia e ajudando informalmente no atendimento, aos poucos ela foi aprendendo a profissão e se interessou a tal ponto que começou a estudar para o concurso de farmacêutico. O Sebastião que não era bobo, pediu a mão da Maria Luiza em casamento e se casaram em novembro de 1954, quando Maria Luiza tinha 17 anos.

Depois de casada, Maria Luiza prestou o concurso para Auxiliar de Farmácia em Curitiba e foi aprovada, podendo então exercer a profissão. O Sebastião é quem preparava os remédios, que eram quase todos “manipulados” na época e ela fazia os atendimentos, dia e/ou noite e muitas vezes tinha que se deslocar a cavalo até o doente, por mais de 10 quilômetros da cidade.

Ela dizia que atendia todo tipo de coisa, desde pernas e braços quebrados, que tinham que “encanar” (colocavam o osso no lugar e imobilizavam com uma tala), que muitas vezes saravam só com este recurso, até doenças em geral, picaduras de cobra, cortes, ferimento de tiro e muitos partos. Ela sempre dizia que tinha feito centenas de partos e ganhou mais de uma centena de afilhados. No começo, a vida era difícil para todos e rodava pouco dinheiro e a forma mais comum de pagamento era com galinha, porcos, ovos, frutas e troca de favores.

Em agosto de 1955 nasceu Wanderlei, que só pensava em mamar. Ela o arrastou pendurado na “teta”, como ela mesma dizia, por quase dois anos e foram muitas as tentativas frustradas, antes de conseguir desmamar o moleque. A primeira tentativa de desmame, com um ano de idade, o marmanjo fez greve de fome e ela só cedeu depois de dois dias sem mamar.

Com muito trabalho, a vida foi melhorando e a farmácia, já de madeira, foi aumentando, depois compraram um jipe e foram fazendo um “pezinho de meia”. Não sei dizer quando exatamente, mas houve uma gripe muito forte nesta década, que deu uma arribada na situação do casal.

Em 1960 a Maria Luiza engravidou novamente e quando estava na fase final da gravidez, indo de Rural para Ivaiporã, a porta abriu e ela caiu para fora do veículo, mas felizmente não houve conseqüências. Em setembro de 1960 nasceu o Walangieri.

Nesta época, o Sebastião comprou umas “terras fechadas” (mata) em Ivaiporã, e a Maria Luiza ficou a frente da farmácia. Então, em 1963 eles resolveram se mudar para Bandeirantes, para dar estudar o Wanderlei.

Venderam a farmácia e com o dinheiro compraram umas terras em São João do Ivaí e assim, o Sebastião continuou mantendo o pé na cidade. Ele se candidatou para o cargo de primeiro vice-prefeito de São João do Ivaí e foi eleito com mais de 80% dos votos (naquela época este cargo era votado).

Em Bandeirantes, com dois filhos pequenos, a Maria Luiza teve a chance que ela sempre quis, de voltar a estudar e não depender financeiramente do Sebastião. Com muito sacrifício ela fez o “curso Normal” e se formou professora.

Como a distancia era muito grande entre Bandeirantes e São João do Ivaí, no ano de 1965 eles mudaram-se para mais perto, na cidade de Mandaguari, onde permaneceram por alguns meses e depois foram definitivamente para Apucarana. Em 1968 compraram a casa onde residem até hoje.

Em Apucarana, sem conhecer ninguém, no mesmo dia que chegou, Maria Luiza foi a batalha, para procurar informação para prestar concurso do estado para professora. O destino fez com que encontrasse o professor Joaquim, que foi muito prestativo e a acompanhou até a inspetoria de ensino, que já estava fechada e a inscrição encerrada, mas que se comoveu com sua determinação e intercedeu a seu falou com o professor Berton, que abriu a secretaria e fez a sua inscrição para o concurso para dar aula em Marilandia do Sul. A vida inteira ela foi grata a estes professores.

Seu sonho de independência estava se realizando, mas o mais difícil ainda estava por vir. Sua vida ficou muito corrida, pois passou a fazer o curso Normal no período da manhã, correr para casa, dava comida para os filhos e os encaminhava para a escola e em seguida tinha que ir para Marilandia do Sul de "condução", onde dava aula em dois períodos, retornando para casa depois das 23 horas e muitas vezes ainda tinha que lavar roupas, limpar a casa, etc.. Foram seus anos mais difíceis e sacrificados, que lhe marcaram profundamente com um sentimento de culpa com os filhos, por levar uma vida tão atribulada de trabalho, filhos e afazeres domésticos... Nos finais de semana tinha que preparar aulas da semana seguinte. Ela nunca reclamou do seu esforço, mas se sentia culpada por ter ficado ausente.

Foi assim até que ela conseguiu ser transferida para Apucarana, onde pelo menos não tinha que se deslocar para outra cidade. Numa destas mudanças de escola conheceu a professora Nasmim, que foi sua diretora, a qual sempre teve muito respeito e admiração.

Como professora, Maria Luiza sempre foi querida dos seus alunos, principalmente por aqueles mais problemáticos, que ela sempre deu atenção especial. Ela sentia necessidade de ajudar as pessoas instáveis, que tinham problemas em casa ou que eram rejeitadas ou abusadas.

Doente, com câncer de estômago, há uns 20 anos atrás, a sua mãe ficou em sua casa para se tratar, mas a doença foi muito agressiva e depois de muito sofrimento, veio a falecer. Seu pai teve um destino parecido, e também morreu de câncer de intestino. Esta doença da mãe e do pai a marcou para o resto de sua vida, sempre com receio de passar pelos mesmos sofrimentos. Este temor a motivou a manter uma rotina rigorosa de exames periódicos preventivos para câncer de estômago e intestino e uma alimentação sadia. Ela

tinha convicção que poderia ter o mesmo destino e por isto se cuidou e ficou atenta ao estômago e intestino e nunca imaginou que poderia ter alguma coisa no pulmão.

Maria Luiza se aposentou em 1994 (?) e passou a se dedicar às coisas que ela sempre desejou fazer, pinturas, bonecas, costura, horta, cartões, artesanatos diversos e principalmente ao seu quintal, quando sobrava tempo, pois ela sempre estava ocupada com outras atividades voluntárias, como LBA, Catequese, Pastoral do Menor, Casa de apoio, Lions Club e apoio a outras entidades, sempre fazendo campanhas e buscando apoio às suas causas.

Incansável, Maria Luiza sempre procurou “sarna para se coçar”, se envolvendo em situações complicadas para ajudar as outras pessoas, sem medir as consequências.

Mesmo doente, no início deste ano, ainda dizia que não podia ficar parada com tanta coisa para fazer. Só se deu por vencida quando soube que não teria mais muitos dias de vida, mas jamais admitiu que sua jornada havia chegado ao fim, mas atendeu ao chamado de Deus.

Pelo exemplo de pessoa que ela foi, pela sua dedicação e determinação e por tudo o que ela fez pelas pessoas e por este mundo, para que isto não se perca em vão, temos que continuar o seu trabalho.

Qualidades e características da Vó Maria Luiza:

Crente em Deus e muito devota, freqüentava e participava ativamente da igreja Católica. **Acreditava no poder da oração** e acima de tudo a missa. Rezava o terço quase todos os dias antes de dormir. Lia muitos livros relacionados à fé.

Defendia inveteravelmente a natureza, sobre todas as coisas e interesses. Quando podia, andava a pé para não poluir.

Não gostava de ser o centro das atenções, nem de aparecer. Sempre trabalhando nos bastidores.

Resolvida e decidida, não hesitava diante de dificuldades e deliberava rapidamente o que tinha que ser feito, mesmo que por impulso ou intuição. Ela era **muito pratica** e o que importava para ela era resolver rapidamente alguma situação que a incomodava ou que requeria alguma ação.

Constantemente inquieta, não deixava ninguém parado e sempre deliberando e dando tarefas para todos os que estavam a sua volta. **Não tinha coisa difícil ou que não pudesse ser feita**. Sempre achava um jeito de fazer ou resolver as coisas.

Não suportava injustiças e não tinha receio de enfrentar quem quer que fosse para denunciar ou tomar providências para resolver alguma situação adversa.

Tinha muita humildade e simplicidade, não se importando se era pobre ou rico, se era ridículo ou o que as pessoas poderiam pensar. **Ela simplesmente era e fazia as coisas do seu jeito inconfundível de ser.**

Ela tinha atração especial por “pessoas especiais” ou com problemas e jovens.

Sempre disposta a ajudar, não se importando com a dificuldade que iria enfrentar. Vocação para ajudar as pessoas. Mesmo drogados, bandidos e marginais a respeitavam e tinha a habilidade de conseguir “dar de dedo”, sem que ficassem ressentidos.

Sempre foi a favor da vida. Não aprovava em hipótese alguma o aborto.

Tratava as pessoas que trabalhava para ela com muito respeito, como um membro da sua família, sentando a mesa e dividindo as tarefas mais difíceis.

Gostava de dar coisas e servir as pessoas. Ela sempre dizia que **nasceu para servir e não para ser servida.**

Fazia de tudo para não incomodar as pessoas.

Ela tinha a habilidade de fazer as **pessoas se sentirem queridas.**

Tinha a aptidão de fazer amigos. Ela conseguia “manter amizades” com todas as pessoas por tempo indefinido. Ela mantinha amigos de infância e de todas as fases da sua vida. **Ela conseguiu a proeza de não ter inimigos.** Desconheço alguma pessoa que não gostasse dela. **Ela sabia perdoar e não guardava magoas. Era impossível que ela saísse à rua e não fosse abordada pelas pessoas,** principalmente seus ex-alunos, sempre com muita disposição e atenciosa com todos.

Inimiga de dívidas, jamais deveu para alguém. Incomodava-se quando estava em dívida com alguém.

Psicóloga e conselheira das pessoas, que traziam seus problemas e encontravam sempre disposição para ouvir e dar seus conselhos de vida, mantendo sempre discrição e confiança.

Não admitia a preguiça e tinha como característica própria seu dinamismo e determinação incansável para trabalhar.

Gostava e respeitava os animais, não admitindo que alguém maltratasse, mesmo que fosse uma minhoca.

Tinha paixão pela vida simples e tinha sonho de um dia retornar a morar na natureza. Se dizia com orgulho que era uma caipira.

Muito criativa, com a **capacidade de enxergar utilidade para coisas que os outros não percebiam**, principalmente para aquelas que não tinham mais serventia. Gostava de mudar, modificar, inovar, criar.

Responsabilidade e compromisso com tudo o que fazia. Por exemplo, nunca, mesmo nos dias mais difíceis ou quando ela ou seus filhos estavam doentes, ela deixou de dar as suas aulas ou de faltar a um compromisso. Ela ficava indignada e não admitia desculpa, quando as pessoas não cumpriam seus compromissos ou chegavam atrasados nos seus compromissos.

Vanguardista, sempre esteve à frente de seu tempo, seja no seu perfil ecológico, na relação do casal, na educação e não admitia preconceitos de qualquer tipo.

NATUREZA:

Para ela, a natureza tinha um sentido especial que motivava e inspirava sua vida. Evitava tudo que de alguma forma poderia prejudicar a natureza, ou reciclava tudo que podia. As latas vazias usava como vasos, de garrafas PET fazia enfeites e bonecos, restos de madeira usava no fogão a lenha, de cacos de cerâmica fazia mosaicos, de um caco de vidro fazia um enfeite, de resíduos e sobras orgânicas fazia cartão de natal, de bambu fazia paredes, de casca de coqueiro fazia peixes, de pedrinhas fazia bichinhos e presépios, enfim, qualquer sobra ou material descartado podia ser transformado em alguma coisa útil, com muita criatividade.

Há pelo menos 30 anos, muito antes de se ouvir em reciclagem e compostagem que a Maria Luiza adotou uma prática de fazer a separação de resíduos e embalagens recicláveis e a compostagem dos materiais orgânicos, como folhas de árvores e sobras de alimentos, que depois de pronto, ela doava para outras pessoas ou colocava em suas árvores. O material separado, como vidro, metais, plástico, papel, etc ela já naquela época, ela entregava separado para o lixeiro e depois encontrou catadores que passavam para recolher o material, que vendiam.

Outra grande preocupação dela era com a água, que não admitia desperdício. Ela e todos que mexessem com água perto dela eram obrigados a economizar, fechando a todo

o momento a torneira e a que fosse utilizada na cozinha para lavar os alimentos, deveria ser feita em uma bacia, que era utilizada para aguar as plantas do quintal.

O óleo de fritura sempre foi utilizado para fazer sabão, que era utilizado na cozinha e todos os usos que fossem possíveis. Detergente, muito pouco, com muita relutação e mesmo assim, muito controlado.

Saquinhos de supermercado, sacolas descartáveis e outras embalagens plásticas, se dependesse dela, não aceitava. Ela dizia “a natureza agradece”.

Ela guardava todas as sementes que podia e distribuía para as pessoas que ela identificava como multiplicadoras. Quando viajava, levava sementes e ia lançando na estrada, acreditando que alguma pudesse nascer. Ela dizia que se em cada viagem nascesse uma árvore das sementes que ela jogava, ela se dava por satisfeita. Não imagino uma pessoa que tenha plantado mais árvores na vida que a Vó Maria Luiza.

O quintal:

O quintal e a sua casa eram as coisas materiais mais importantes para ela. Uma espécie de mundo particular e a única coisa material que tinha apego na vida e sempre pedia encarecidamente, que quando morresse, que cuidassem bem das suas plantas e da sua casa.

Mesmo quando já estava muito enferma, perguntava se as suas plantas estavam sendo aguadas. Já nos últimos dias de sua vida, quando retornava pela última vez do hospital, mal conseguindo dar poucos passos, abaixou-se para pegar um pequeno vaso com uma planta que havia caído. Este ato foi a demonstração do seu apreço pela natureza e da sua determinação de não incomodar as pessoas e fazer tudo por ela mesma.

Ela tinha uma paixão pelo seu quintal, inspirado em sua infância, onde tinham cavalos feitos de galhos de árvores, animais pintados em pedras, troncos imitando pessoas e pintou nas paredes frases e desenhos de São Francisco de Assis e dos personagens do escritor infantil Ziraldo, o menino maluquinho. Ela sempre referenciava os dois, o primeiro por ser o santo dos animais e da natureza e o segundo, porque seus personagens tem muita coisa parecida com a sua infância levada.